

TRADIÇÃO ORAL E ALFABETIZAÇÃO: UM CAMINHO PARA PLURALIDADE, PERTENCIMENTO E JUSTIÇA SOCIAL

CASSIANA SILVA DE FREITAS¹; EDUARDA KASTER NEUTZLING²; GABRIELA DAS NEVES FURTADO³; VANESSA RIBEIRO DIOGO⁴; MONIQUE BEATRIZ KLUMB⁵; GILCEANE CAETANO PORTO⁶

¹*Universidade Federal de Pelotas – cassi.imagine@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – kastereduarda1@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – gabi03nf@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – vanessardiogo@hotmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – moniqueklumb@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – gilceanep@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, ainda em andamento, tem como objetivo analisar a relevância da tradição oral na educação básica, com ênfase em sua potencialidade pedagógica para o processo de alfabetização e para o fortalecimento do pertencimento cultural. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica fundamentada na compreensão de que textos e cantigas da cultura popular brasileira, transmitidos de geração em geração e enraizados nas vivências familiares e comunitárias, desempenham um papel central tanto no desenvolvimento da consciência fonológica quanto na valorização de identidades e saberes historicamente marginalizados.

A questão central que orienta esta investigação é: como a exploração dos textos e cantigas de tradição oral pode favorecer a alfabetização e, simultaneamente, contribuir para a pluralidade cultural e a justiça social no contexto escolar? Nessa perspectiva, considera-se que gêneros como parlendas, trava-línguas, contos populares e, especialmente, cantigas de ninar e músicas folclóricas, quando mobilizados em práticas de recitação, canto coletivo, jogos de memorização e leitura compartilhada, não apenas desenvolvem habilidades linguísticas fundamentais (como a consciência fonológica e rítmica), mas também evocam memórias afetivas e vínculos intergeracionais que fortalecem a identidade cultural dos estudantes.

Ao articular elementos sonoros e poéticos da tradição oral ao cotidiano escolar, esta pesquisa evidencia o potencial dessas práticas para aproximar a alfabetização das experiências concretas das crianças e contrapor-se à rigidez curricular que frequentemente desconsidera saberes oriundos da vida cotidiana. Assim, defende-se a necessidade de compreender a escola como um espaço capaz de legitimar e potencializar essas manifestações, transformando-as em recursos pedagógicos que dialogam com a diversidade cultural presente nas comunidades escolares.

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é analisar o papel da tradição oral como instrumento pedagógico capaz de articular alfabetização, letramento e identidade cultural. Especificamente, busca-se: a) investigar como os elementos sonoros, rítmicos e poéticos dos textos orais apoiam a alfabetização e o letramento; b) discutir de que modo a valorização da cultura popular pode promover pertencimento e respeito à diversidade; c) compreender como o trabalho com a tradição oral pode contribuir para uma educação mais justa e

democrática; e d) refletir sobre sua função como suporte pedagógico no processo de alfabetização e letramento inicial. A seguir apresentamos a metodologia adotada para o estudo.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica (Severino, 2013), baseia-se na análise de obras que discutem tradição oral, alfabetização, consciência fonológica e identidade cultural. As buscas foram realizadas em bibliotecas físicas e digitais, além de bases como SciELO e Periódicos CAPES, utilizando os seguintes descritores: “tradição oral”, “oralidade”, “alfabetização”, “cultura popular” e “consciência fonológica”.

A análise seguiu leituras exploratórias, seletivas e analíticas, com fichamentos organizados em categorias temáticas: (i) tradição oral como recurso pedagógico; (ii) identidade cultural e memória coletiva; (iii) consciência fonológica e alfabetização; e (iv) resistência e justiça cultural. As etapas compreenderam: i) levantamento e seleção de fontes pertinentes; ii) leitura e fichamento; iii) análise crítica articulada ao referencial teórico (Araujo; Arapiraca, 2011; Belintane, 2010; Morais, 2019; Schneider, 2009; Freire, 1983); e iv) redação dos resultados, com foco na articulação entre tradição oral, alfabetização e pluralidade cultural.

Estes estudos metodológicos permitiram compreender como diferentes autores articulam oralidade, cultura e alfabetização nos contextos escolares, deixando evidente a tamanha potência da tradição oral. A seguir apresento os principais achados da pesquisa, com ênfase na tradição oral para uma alfabetização culturalmente situada e comprometida com a diversidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise bibliográfica evidenciou quatro eixos principais: (i) tradição oral como recurso pedagógico; (ii) identidade cultural e memória coletiva; (iii) consciência fonológica e alfabetização; e (iv) resistência cultural e justiça social.

No primeiro eixo, estudos como Araújo e Arapiraca (2011) e Soares (2001) destacam que textos orais, como parlendas, cantigas e trava-línguas, ao aliarão ludicidade, musicalidade e linguagem, aproximam as crianças do sistema alfabetônico em situações contextualizadas e significativas. Essa abordagem rompe com práticas descoladas da realidade dos alunos e favorece um processo de alfabetização conectado às experiências sociais e culturais que eles trazem de casa e da comunidade.

No que se refere à identidade cultural, Arroyo (2014) e Schneider (2009) enfatizam que integrar saberes populares no currículo escolar é uma forma de reparação histórica diante do apagamento das culturas indígenas, afro-brasileiras e demais tradições marginalizadas. Esse entendimento é corroborado pela pesquisa de Barbosa, Maciel e Silva (2023), realizada em contexto quilombola, onde narrativas orais comunitárias foram utilizadas como recurso pedagógico e fortaleceram o sentimento de pertencimento e a valorização das raízes culturais dos estudantes.

A dimensão da consciência fonológica, apontada por Belintane (2013) e Morais (2019), também emerge como central. As características sonoras dos textos de tradição oral, como rimas, aliterações, repetições e ritmo, favorecem a percepção auditiva e a análise das unidades sonoras da língua, pilares do

processo de alfabetização. Assim, práticas baseadas em cantigas, parlendas e jogos de palavras contribuem para desenvolver habilidades metalingüísticas essenciais de forma lúdica e significativa.

O estudo de Wolffbüttel et al. (2019) reforça a articulação entre essas categorias ao evidenciar como práticas musicais familiares, especialmente as cantigas de ninar, funcionam como um “patrimônio sonoro” capaz de unir afetividade, memória coletiva e aprendizagem linguística. Ao criar vínculos intergeracionais e memórias afetivas positivas, essas práticas consolidam experiências de pertencimento que a escola pode potencializar ao incorporá-las como recursos pedagógicos. Sua musicalidade natural e repetitiva contribui para a consciência fonológica e, ao mesmo tempo, legitima saberes culturais historicamente marginalizados, promovendo resistência frente ao apagamento cultural.

Integrar a tradição oral, em especial sua dimensão musical, ao cotidiano escolar não apenas favorece habilidades linguísticas e cognitivas, mas também contrapõe-se à rigidez curricular, que muitas vezes distancia a escola das vivências concretas dos estudantes. Ao reconhecer e valorizar os saberes oriundos da vida cotidiana, a escola reafirma seu papel como espaço de pluralidade cultural e de justiça social, em sintonia com uma concepção freireana de educação crítica e libertadora.

4. CONCLUSÕES

A análise realizada evidencia que a tradição oral, especialmente em sua dimensão musical, constitui-se como um recurso pedagógico potente para o processo de alfabetização e para a formação integral das crianças. Ao articular ludicidade, sonoridade e memória cultural, práticas como cantigas, parlendas e narrativas orais favorecem o desenvolvimento da consciência fonológica e aproximam a alfabetização das experiências concretas e afetivas dos alunos.

Além de sua relevância linguística, a tradição oral contribui para o fortalecimento da identidade cultural e do senso de pertencimento escolar. Ao legitimar os saberes trazidos das famílias e comunidades, a escola cumpre um papel de reparação histórica e de valorização das culturas populares, especialmente de matrizes indígenas, afro-brasileiras e quilombolas, tradicionalmente marginalizadas nos currículos escolares.

As práticas musicais familiares, destacadas por Wolffbüttel et al. (2019), reforçam essa perspectiva ao mostrar que o repertório cultural transmitido no lar — como cantigas de ninar e músicas folclóricas — constitui um patrimônio afetivo que a escola pode potencializar, ampliando o diálogo entre os espaços doméstico e escolar, e tornando-se referência cultural para a comunidade.

Integrar a tradição oral à alfabetização, portanto, vai além de uma estratégia didática: trata-se de um caminho para uma educação plural, democrática e socialmente comprometida. Ao reconhecer e valorizar essas manifestações, a escola não apenas favorece aprendizagens significativas, mas também cumpre sua função social de promover justiça cultural e equidade, alinhada a uma perspectiva crítica e emancipadora de educação. Defende-se, assim, a necessidade de que práticas pedagógicas sistemáticas incorporem a tradição oral como eixo estruturante das propostas de alfabetização, favorecendo não apenas o domínio do sistema de escrita alfabético, mas também a formação de sujeitos críticos, conscientes de sua história e pertencentes a uma cultura viva e plural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, L.; ARAPIRACA, M. **Quem os desmafagafizar bom desmafagafizador será: textos da tradição oral na alfabetização.** Salvador: EDUFBA, 2011.
- ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BARBOSA, S. C. A.; MACIEL, Z. dos R.; SILVA, D. R. S. **A oralidade como potência no processo de alfabetização: relato de experiência em escola quilombola.** *Sertanias: Revista de Ciências Humanas e Sociais*, v. 4, n. 1, p. 1-20, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/sertanias.v4i1.12286>.
- BELINTANE, C. **Oralidade, alfabetização e leitura: enfrentando diferenças e complexidades na escola pública.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 685-703, set./dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000300009>.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.
- FISCHMANN, R. **Memória coletiva, diversidade e democracia: desafios contemporâneos.** *Revista USP*, São Paulo, n. 96, p. 8-19, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i96p8-19>.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- MORAIS, A. G. de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2019.
- SCHNEIDER, S. **O apagamento da oralidade na historiografia da literatura brasileira.** *Letrônica*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 259-267, dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2009.2.5087>.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- WOLFFENBÜTTEL, C. R. et al. **Folclore musical em família: práticas e concepções de estudantes e seus familiares.** *Revista da Fundarte*, Montenegro, v. 20, n. 40, p. 65-86, jan./mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.19179/2319-0868/756>.